



A “PSEUDO-CONSCIÊNCIA” NA GLOBALIZAÇÃO: AS DUAS FACES DA MOEDA

Ms. Léa Dolores Gomes Leite¹

RESUMO

O estudo pretende evidenciar algumas repercussões da globalização no comportamento humano no âmbito das relações sociais, a fim de pontuar sobre o problema da “*pseudo-consciência*” que permeia a sociedade como um todo. Será sublinhado no trabalho que essa “falsa consciência” é reproduzida socialmente, sendo ela analisada nas “duas faces da moeda”, ou seja, nos dois conseqüentes fenômenos da globalização: o globalismo e o localismo. Portanto, observa-se que tanto em um como em outro caso, há sempre uma ausência ou uma pouca conscientização acerca dos reais entraves sociais e das estratégias utilizadas para impedir uma apropriação mais condizente com o que realmente acontece na sociedade de consumo da atualidade; o resultado é que o *status* hierarquicamente superior permanece sempre em vantagem em relação aos poucos favorecidos socioeconomicamente e, por outro ângulo, aqueles que possuem melhores oportunidades de vida se inebriam com a facilidade e fugacidade da sociedade em rede da contemporaneidade, já que “tudo o que sólido se desmancha no ar”. Desse modo, conclui-se que o *modus operandis* do sistema capitalista continua inabalável, isto é, se configura como aquele em que há uma avidez de acumulação do capital em detrimento da situação sociocultural dos indivíduos, favorecendo, assim, o deslumbramento inerente a uma “*pseudo-consciência*” dos indivíduos, em ambos os lados.

Palavras-Chave: Globalização. Relações Sociais. *Pseudo-consciência*.



Introdução

Este estudo tem por objetivo explicitar sobre as repercussões da globalização no comportamento do indivíduo em termos de suas relações sociais, tendo em vista a imprescindibilidade do tema para uma análise do problema da “*pseudo* consciência” que permeia a sociedade como um todo.

A capacidade humana de absorver o “modo de ser” ou o “espírito do informacionalismo” do capitalismo é algo irrefutável, com o *status* de que essa assimilação está em constante transformação, de acordo com a extensa amplitude e interlocução territorial que a globalização disponibiliza. Assim sendo, percebe-se que o “local”, apesar de resistir e procurar preservar sua identidade, é influenciado pelas diversas tendências culturais vindas de todos os lados do globo, havendo uma variabilidade muito grande quanto ao grau da preservação ou não de seus valores, costumes e crenças. Nessa ótica, é imprescindível ser observado que a globalização agravou a questão da exclusão social, pois o que interessa efetivamente as “elites dominantes” permanece sendo a acumulação de capital ininterrupta em detrimento do que ocorre a nível sociocultural.

Com efeito, essa avidez mercantilista apresenta sérios percalços, no sentido de não conseguir sustentação sem que desencadeie fortes problemáticas sociais, pois os que não usufruem da “liberdade de locomoção” que a globalização proporciona sentem-se cada vez mais “inferiores”, desencadeando-se as crescentes mazelas que tão bem conhecemos nos nossos dias; de outra forma, estas pessoas, por serem “invisíveis” e indesejáveis, tornam-se inoperantes em suas reivindicações, além de não possuírem meios objetivos para isso. Por outro lado, os que têm essa condição de “visibilidade” também são vítimas do sistema, uma vez que, em sua maioria, não se apercebem, ou muitas vezes “fingem não notar”, do jogo de interesse que está por trás dos fatos concretos, uma vez imersos na utopia da “satisfação imediata e descartável” oferecidos na nossa alta modernidade. Em suma, o interesse é obscurecer os efeitos consumistas e alienantes provocados, fazendo com que todos presos à “falsa consciência” do “novo capitalismo”.

Portanto, considerando tais premissas, é certo que o indivíduo em suas relações sociais irá agir e reagir em consonância com esse “novo modo capitalista de existência”, havendo pouca conscientização ou mesmo ocorrendo a inexistência de uma consciência crítica a fim de poder se posicionar mais adequadamente diante



dessa realidade e de se rebelar contra ela. Desse modo, nos tópicos que se seguem será evidenciado como essa “falsa consciência” é reproduzida, não perdendo de vista o “localismo” e o “globalismo” como sendo as “duas faces da mesma moeda” do capitalismo.

Entraves para o desenvolvimento da consciência crítica

No trabalho de Cohen (1999) é confirmado que a realidade social se traduz na relação social. Assim, os indivíduos vivem e se organizam através de processos dinâmicos de interação social, havendo na conduta humana uma dimensão subjetiva considerável, como também certo limite à sua autonomia, fator esse que ocasiona uma regularidade da conduta. Atualmente observa-se que a forma de interação social sofreu fortes transformações, tendo a célebre frase de Karl Marx “tudo o que é sólido se desmancha no ar” oportunizado um esclarecimento do que acontece com a realidade social globalizada.

Com Sennett (2006) percebe-se exatamente esse efeito nos termos das “comunidades virtuais” em detrimento das “comunidades face a face”, não sendo este último tipo de comunidade a única maneira de manter coesa uma cultura, já que há o surgimento de outros valores e práticas de acordo com a perda da solidez das instituições sociais. Mas, ocorre também que o tempo, que se encurta com o advento das comunicações informacionais, traz consequentes interações sociais que tornam as relações efêmeras, visto que o sujeito encontra-se sempre migrando de uma tarefa para outra, de um emprego para outro, de um lugar para outro etc. Dessa maneira, quando as instituições já não proporcionam um contexto a longo prazo, como é o caso das atuais, o indivíduo tende a ser obrigado a improvisar a narrativa de sua própria vida, e mesmo a se virar sem um sentimento constante de si mesmo.

O autor em destaque esclarece mais acerca desse entendimento, ao indagar sobre o talento e a possibilidade de serem desenvolvidas novas capacitações nesse ritmo de mudanças da realidade. Nessa perspectiva, o passado pessoal acaba perdendo a importância, sendo desenvolvida uma personalidade disposta a descartar-se das experiências já vivenciadas, uma personalidade que interesse ao mercado do consumidor sempre ávido de novidades, mesmo sendo verificado que a maioria das pessoas sofre com isso, pois precisam de uma narrativa que deem



sentido as suas vidas. Em razão disso, esse ideal cultural da globalização proporciona um mal-estar que pode facilmente não ser questionado pelos indivíduos. Acontece que no novo capitalismo os empregos começaram a cruzar rapidamente as fronteiras, bem como a prática do consumo desenfreado e as comunicações instantâneas exercem profunda influência moral e normativa na vida social; embora que boa parte dessa realidade é ilegível para as pessoas, ficando a cargo apenas das novas instituições a nova formulação das capacidades e capacitações pessoais, bem como os preceitos dos comportamentos em matéria de consumo. Assim sendo, de modo peculiar, o autor em destaque demonstra esse efeito:

A fragmentação das grandes instituições deixou em estado fragmentário as vidas de muitos indivíduos: os lugares onde trabalham mais se parecem com estações ferroviárias do que com aldeias, a vida familiar se viu desorientada pelas exigências do trabalho, [...], e a palavra de ordem é antes seguir em frente que estabelecer-se, [...] (SENNETT, 2006, p. 166).

Nesse contexto, vale salientar que mesmo as pessoas mais favorecidas que acreditam que “seu estilo é o estilo do futuro” também tendem a serem vítimas do véu que encobre os reais interesses capitalistas.

Tecendo uma comparação com a época atual, Sennett nos remete as lições de Max Weber quando este constatou que em sua época as instituições econômicas e da sociedade civil imitavam a estrutura social dos exércitos na questão da inclusão social e da obediência à autoridade; e como o tempo era estruturado, permitia a elaboração de uma narrativa de vida e relações sociais duráveis, considerando que estas se estabeleciam no interior de uma instituição estável. Porém, destaca o autor que estas instituições funcionavam como “jaulas de ferro”, uma vez que quem estava com o poder era quem ditava as regras. Hoje em dia o poder centralizado foi reconfigurado, haja vista que se separou da autoridade acarretando uma perda na credibilidade que antes as instituições ofereciam por seu papel de oferecer segurança e estabilidade. Esse efeito desorientou os indivíduos em suas tentativas de planejar estrategicamente suas trajetórias de vida, privando-os do sentido do movimento narrativo; logo, foi produzida uma impossibilidade de interpretar o que lhes estava acontecendo, porque antes o tempo racionalizado permitia a apropriação de suas vidas como narrativas subjetivas.

Nessa perspectiva, Bauman (1999) tece um comentário demonstrativo do confisco da possibilidade de conscientização da realidade social em termos da perda dos espaços públicos como locais de debate e construção de sentidos:



Por isso um território despojado de espaço público dá pouca chance para que as normas sejam debatidas, para que os valores sejam confrontados e negociados. Os vereditos de certo e errado, belo e feio, adequado e inadequado, útil e inútil só podem ser decretados de cima, de regiões que jamais deverão ser penetradas de cima, de regiões que jamais deverão ser penetradas senão por um olhar extremamente inquisitivo (BAUMAN, 1999, p. 39).

Outrossim, o autor em destaque ainda descreve o estudo do “fenômeno burocrático” de Michel Crozier, que mostra a íntima conexão entre a escala de certeza/incerteza e a hierarquia de poder. De acordo com esse trabalho, em qualquer coletividade estruturada a posição dominante pertence àquelas unidades que tornam sua própria situação opaca e suas ações impenetráveis aos forasteiros, ao mesmo tempo em que as mantêm claras para si mesmas, livres de pontos enevoados e seguras contra surpresas. Nesse mesmo sentido, Bauman ainda faz uma colocação acerca do Modelo Panóptico do poder moderno concebido por Michel Foucault que funciona da seguinte forma:

O fator decisivo desse poder que os supervisores ocultos na torre central do Panóptico exercem sobre os internos mantidos nas alas do edifício em forma de estrela é a combinação da total e constante visibilidade desses últimos com a invisibilidade igualmente total e perpétua dos primeiros. [...] Sem jamais saber com certeza se os supervisores os estão observando, ou se sua atenção desvia-se para outras alas, se estão dormindo, descansando ou atentos, os internos devem se comportar o tempo todo como se estivessem efetivamente sob vigilância. [...] O propósito era manipular conscientemente e rearrumar intencionalmente a transparência do espaço como relação social – como, em última instância, uma relação de poder (BAUMAN, 1999, p.40).

Assim, é acentuado com clareza a situação do “Panóptico” nos dias atuais:

A armazenagem de quantidades maciças de dados, ampliadas a cada uso de um cartão de crédito e virtualmente a cada ato de compra, resulta, segundo Poster, num “superpanóptico” – mas com uma diferença: os vigiados, fornecendo os dados a armazenar, são fatores primordiais – e voluntários – da vigilância. [...] são as empresas de crédito e marketing quem mais aciona e utiliza os bancos de dados e o que buscam é garantir a confirmação pelos arquivos da “credibilidade” e este é o meio de acesso à “melhor oportunidade local”. O Panóptico lançava seus internos como produtores e/ou soldados, dos quais se esperava e exigia uma conduta monótona e rotineira; o banco de dados registra os consumidores confiáveis e dignos de crédito, eliminando todo o restante que não deve ser levado em conta no jogo do consumo (BAUMAN, 1999, p. 56-59).

Outro exemplo bastante elucidativo que o autor analisado traz diz respeito aos “planificadores das cidades perfeitas” nas quais havia um ideal de racionalidade feliz, implicando numa vida experienciada em um espaço perfeitamente ordenado e livre de tudo que fosse fortuito, acidental e ambivalente. Nesse tipo de cidade, havia a negação da história e a demolição de todos os seus vestígios palpáveis, se configurando em uma “desmaterialização” de espaço e de tempo. Por conseguinte,



vê-se que num ambiente que foi artificialmente construído, há uma dificuldade com a questão da identidade, pois os habitantes se deparam com a monotonia, não sendo oportunizada a negociação de significados e a experiência necessária para tal expectativa.

Após essas exposições, o autor ora analisado explica sobre a condição atual dessa impossibilidade:

Tendemos a subestimar o fato de que a maioria da população não tem mais a necessidade nem a chance de ser arrastada pelos campos de treinamento de outrora. Também tendemos a esquecer os desafios peculiares do processo modernizador que tornaram as estratégias panópticas factíveis e atraentes. Os desafios de hoje são diferentes e, na tarefa de enfrentar muito deles, talvez os mais importantes, as estratégias panópticas ortodoxas, se perseguidas com vigor excessivo, quase certamente se revelariam irrelevantes ou inteiramente contraproducentes (BAUMAN, 1999, p. 55).

Ademais, nas análises de Sennett (2006) é salientado que nas relações interpessoais as “transações” tomaram o lugar das “relações”. Ressalte-se que esse perfil tem seu fio condutor à época da “jaula de ferro” weberiana no que tange a não valorização indivíduos como sendo dotados de históricos pessoais e intransferíveis, tendo em vista que o sistema focalizava cada vez mais a estabilidade e auto-preservação institucionais e não a efetiva provisão de cuidados. A diferença é que naquela situação, a infelicidade coexistia com um forte compromisso em relação à instituição, tendo em vista que todas as relações sociais e os sentimentos produzidos em relação a elas contavam com o fator tempo para se desenvolver, possibilitando que o indivíduo se situasse como importante para os outros de sua convivência através das narrativas pessoais que construía.

No sentido da modernidade contemporânea ou da alta modernidade, sobre a transformação social ocorrida com o advento do mercado através de um sistema auto-regulável em decorrência da globalização, Polanyi (2000) explica que este tipo de mercado é capaz de organizar a totalidade da vida econômica sem qualquer ajuda ou interferência externa, conduzindo de forma sutil e camuflada a influência nas ações e reações das pessoas, política, intelectual e espiritualmente falando, haja vista que a economia anda ao lado das relações sociais, sendo cada passo desse processo atrelado a certo número de interesses; assim sendo, é evidente que o sistema econômico será dirigido por motivações não-econômicas. Mas, vale registrar que antes mesmo do advento do “mercado auto-regulável” os comportamentos já eram influenciados por essa via de mão dupla numa expectativa



de atingir o máximo de ganhos monetários com vistas ao poder que o dinheiro conferia. Para exemplificar, o autor expõe sobre a economia hortelã e doméstica que foi parte das relações sociais ligadas à posição de bom marido e ótimo cidadão; no caso do amplo princípio da reciprocidade, havia o papel de salvaguardar a produção e a subsistência familiar. Assim, esse *modus operandis* se configura como fator desencadeador de uma economia bastante favorável.

Por fim, há de se convir que para o sistema capitalista funcionar deve existir toda uma estrutura de persuasão no sentido da aceitação de bom grado pelos indivíduos das normas e regras impostas de cima para baixo. Para melhor explicar essa concepção, há a afirmação deste último autor de que a ficção da mercadoria oferece um princípio de organização vital em relação à sociedade como um todo, não podendo permitir qualquer entendimento ou comportamento que venha a impedir o funcionamento efetivo do mecanismo de mercado. Então, a suposta mercadoria da “força de trabalho” não pode ser usada indiscriminadamente sem preocupar-se com o indivíduo humano portador desta, considerando assim o conjunto de suas atribuições física, psicológica e moral de forma estrategicamente planejada.

A globalização e o interesse da manutenção da “falsa consciência”

Para iniciar este tópico, se faz relevante a apresentação do significado da globalização elaborada por Ianni:

A globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. Um processo de amplas proporções envolvendo nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. Assinala uma emergência de uma sociedade global, como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória.[...] A mesma dinâmica das continuidades germina possibilidades inesperadas, hiatos inadvertidos, rupturas que parecem terremotos. [...] deparamos subitamente com o fortuito e o imprevisto, o novo, o dinâmico e o revolucionário, [...]. De maneira lenta e imperceptível, ou de repente, desaparecem as fronteiras entre os três mundos, modificam-se os significados das nações de países centrais e periféricos, do norte e sul, industrializados e agrários, modernos e arcaicos, ocidentais e orientais. Literalmente, embaralha-se o mapa do mundo, umas vezes parecendo reestruturar-se sob o signo do neoliberalismo, outras parecendo desfazer-se no caos, mas também pronunciando outros horizontes. [...] Começam a emergir novos pólos de poder, [...]. Está em curso o novo surto de universalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório (IANNI, 1999, p. 11-13).



Como vimos, é pontuado pelo autor em cartaz que a atualidade vivencia um novo processo civilizatório. Esse “novo processo” também desencadeia rompimento, subordinação, destruição ou recriação de formas sociais de vida e de trabalho, compreendendo modos de ser, pensar, agir, sentir e imaginar de acordo com essa influência global, observando-se que a população assalariada mundial se vê envolvida no mercado global.

Dessa maneira, é apreendido que com a globalização há o agravo ou o aparecimento de problemas sociais envolvendo questões culturais, religiosas, lingüísticas, políticas, raciais etc. Portanto, as dimensões sociais dessa realidade são evidenciadas em decorrência da destruição de séculos de tradição e de valores consolidados, apesar de que todos procuram preservar suas identidades. Contudo, o mercado global quer manter a ilusão de que tudo tende a assemelhar-se e harmonizar-se, levando-se em consideração que as palavras revelam-se principalmente como imagens, signos plásticos de virtualidades e simulacros produzidos pela eletrônica e pela informática no intuito de dar a impressão de que o mundo é imediato, sem geografia e sem história.

Contudo, havemos de convir com Ianni (1999) que a globalização se configura em um universo de diversidades, desigualdades, tensões e antagonismos, ocorrendo o seguinte:

As identidades reais e ilusórias baralham-se, afirmam-se ou recriam-se. [...] são muitas as idéias, correntes de pensamento, teorias, técnicas, ideologias e utopias que entram na fermentação dos movimentos sociais e partidos políticos, em suas reivindicações e lutas para afirmar autonomia, independência, soberania ou hegemonia. [...] é claro que em todos os casos há sempre o resgate ou a recriação das matrizes culturais e civilizatórias, das raízes de cada povo, tribo ou nação. [...] as próprias perspectivas de auto-afirmação, autoconsciência, luta pela emancipação ou desalienação revelam-se enriquecidas e dinamizadas pelo contato, intercâmbio ou contraponto de modos de vida e trabalho, formas de ser, agir, pensar, sentir e imaginar (IANNI, 1999, p.27-31).

Corroborando com esse entendimento, Castells (2000) denomina esse fenômeno da globalização como “economia informacional” e alerta para o fato de que nessa estrutura a cultura não condiz com um conjunto de valores e crenças ligadas a uma determinada sociedade, mas com uma diversidade de contextos culturais que se manifesta por meio da inserção nas instituições e organizações investidas de autoridade para exercer poder perante a sociedade como um todo, a fim de “ditar” as práticas sociais derivativas; assim, “as lógicas organizacionais são



as bases ideacionais para as relações das autoridades institucionalizadas” (CASTELLS, 2000, p. 209).

Deve ser sobressaltado nesse contexto que as redes formadas por empresas multinacionais transcendem fronteiras, identidades e interesses nacionais, havendo um jogo de interesse dos mais privilegiados nesse processo de gerenciamento das incertezas, haja vista que dissolve a grande empresa em uma teia de redes multidirecionais. É por essa razão que o autor em tela aponta a obra de Max Weber, “a ética protestante e o espírito do capitalismo”, como sendo o marco de qualquer tentativa teórica para entender a essência das transformações culturais/institucionais que introduzem um novo paradigma de organização econômica na história, pois explica que um estilo de vida tão bem adaptado às peculiaridades do capitalismo deve ter origem não só nos indivíduos isolados, mas em todo um grupo de homens, sob o comando ideacional voltado ao lucro e como obrigação moral, estando a coletividade imbuída do “espírito do capitalismo”. Já no informacionalismo, tomando por base a teoria de Weber, o espírito empresarial de acumulação e de consumismo é a empresa em rede, formada de vários sujeitos e organizações, modificando-se continuamente conforme se adaptam aos ambientes de apoio e às estruturas do mercado.

De todo modo, ressalte-se que, para Santos (2005), a globalização se traduz em um fenômeno multifacetado como dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo; portanto, ao se falar de características dominantes da globalização não se deve ter a idéia de que esta é apenas um processo linear. Ao contrário disto, ela é um vasto e intenso campo de conflitos entre grupos sociais, mas sempre tendo como premissa principal um campo hegemônico atuando na base de um consenso entre os mais influentes atores sociais. A seguir é ilustrado a separação entre os dois extremos dos estratos sociais:

Embora a importância da globalização dos meios de comunicação social seja salientada por todos, nem todos retiram dela as mesmas conseqüências. [...] A imaginação pós-eletrônica, combinada com a desterritorialização provocada pelas migrações, torna possível a criação de universos simbólicos transnacionais, [...]. Octávio Ianni fala do “príncipe eletrônico” – o conjunto das tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas, de informação e de comunicação, com destaque para a televisão – que a transformou no “arquiteto da ágora eletrônica na qual todos estão representados, refletidos, defletidos ou figurados, sem o risco da convivência nem da experiência” (1998:17) (SANTOS, 2005, p. 27).



Faz-se importante perceber nesse âmbito da globalização que não há a elucidação das relações sociais de poder. Sem tal esclarecimento, a questão da homogeneização e da diferenciação mantém obscura a hierarquia existente no sistema. Assim, a elite dominante, além de ser omissa às mazelas sociais, pode dar a idéia falsa de que a globalização é um fenômeno linear, monolítico e inequívoco:

Aparentemente transparente e sem complexidade, a idéia de globalização obscurece mais do que esclarece o que se passa no mundo. E o que obscurece ou oculta é, quando visto de outra perspectiva, tão importante que a transparência e simplicidade da idéia de globalização, longe de serem inocentes, devem ser considerados dispositivos ideológicos e políticos dotados de intencionalidades específicas (SANTOS, 2005, p. 49).

Sobre tais intencionalidades, Santos assevera que há duas:

A primeira intencionalidade é o que designo por falácia do determinismo. Consiste na inculcação da idéia de que a globalização é um processo espontâneo, automático, inelutável e irreversível que se intensifica e avança segundo uma lógica e uma dinâmica próprias suficientemente fortes para se imporem a qualquer interferência externa. Nesta falácia incorrem não só os embaixadores da globalização como os estudiosos mais circunspectos. [...] A segunda intencionalidade política do caráter não-político da globalização é a falácia do desaparecimento do Sul. Nos termos desta falácia as relações Norte/Sul nunca constituíram um verdadeiro conflito, mas durante muito tempo os dois pólos das relações foram facilmente identificáveis, já que o Norte produzia produtos manufaturados, enquanto o Sul fornecia matérias-primas (SANTOS, 2005, p.49).

Realmente, há neste autor a importante revelação de que, mesmo sendo admitido que a economia global deixou de necessitar dos espaços geopolíticos nacionais para se reproduzir, a dívida externa continua a ser contabilizada e cobrada ao nível de países, sendo por essa via e a da financeirização do sistema econômico que os países pobres do mundo se transformaram, a partir da década de oitenta, em contribuintes líquidos para a riqueza dos países ricos. Portanto, o discurso sobre globalização é a história dos vencedores contada pelos próprios, contribuindo para que os derrotados fiquem cada vez mais excluídos e distantes da apropriação dos reais conhecimentos, como é esclarecido no trecho abaixo:

[...] A idéia é que a globalização está a ter um impacto uniforme em todas as regiões do mundo e em todos os setores de atividade e que os seus arquitetos, as empresas multinacionais, são infinitamente inovadoras e têm capacidade organizativa suficiente para transformar a nova economia global numa oportunidade sem precedentes (SANTOS, 2005, p.50).

No que se refere à força das instituições nesse feito, o autor em análise diz que as constelações de práticas sociais, as permitidas e as proibidas, são constituídas por um conjunto de instituições que asseguram a sua reprodução, bem como pela complementaridade entre elas e pela estabilidade das desigualdades que



elas produzem; isso favorece uma lógica implícita das interações, legitimando as disparidades, assim como as hierarquias que são sempre ocultadas ou manipuladas. Os conflitos, desse modo, passam a ser difusos, mesmo sabendo-se que há sempre um conflito estrutural que organiza as lutas em torno dos recursos que são objeto de trocas desiguais.

Finalmente, é importante ainda registrar a existência de “uma luz no fim do túnel”, considerando-se que no domínio das práticas sociais e culturais transnacionais há muitos grupos sociais pleiteando legitimação quanto à questões referentes a etnias, identidades, culturas, tradições, sentimentos de pertença, imaginários, rituais, literatura escrita ou oral etc.

As duas faces da moeda na globalização

Bauman (1999) traz uma contribuição bastante norteadora sobre as questões da desigualdade e da “domesticação” das mentes humanas, valendo tal compreensão tanto para quem está no degrau socialmente mais elevado quanto para aqueles que se encontram nos degraus mais baixos da hierarquia. A mudança da noção de “tempo/espaço” em relação aos processos globalizantes é entendida pelo autor como divisora e ao mesmo tempo como unificadora, e as causas dessa divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo. Vale salientar que os dois processos intimamente relacionados diferenciam nitidamente as condições existenciais: o que para alguns é sinal de liberdade, para muitos outros é sinal de exclusão, com todas as suas conseqüências nefastas. Em seguida, Bauman procura explicitar melhor essas condições:

Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. [...] e no entanto os efeitos dessa nova condição são radicalmente desiguais. Alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente “globais”; alguns se fixam na sua “localidade” – transe que não é nem agradável nem suportável num mundo em que os “globais” dão o tom e fazem as regras do jogo da vida (BAUMAN, 1999, p.7).

Além do mais, ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social, tendo em vista que os espaços públicos são removidos para além do alcance da vida localizada, fazendo com que a capacidade de gerar e negociar sentidos se perca, deixando os indivíduos cada vez mais dependentes das



ações que fogem do seu controle, reforçando dessa forma as distinções tradicionais entre ricos e pobres, nômades e sedentários, “normais” e anormais ou à margem da lei. Mas, por outro lado, as elites que se beneficiam disso, ficam livres para explorar e abandonar às conseqüências dessa exploração, uma vez que estarão afastadas dos possíveis embates que poderiam acontecer.

Em resumo, em vez de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la, emancipando certos seres humanos das restrições territoriais e tornando extraterritoriais certos significados geradores de comunidade, tendo em vista que desnuda o território onde outras pessoas continuam sendo confinadas do seu significado e da sua capacidade de doar identidade, perdendo, portanto, essa capacidade de negociar seus significados. Fica claro nessa conjuntura que as elites se isolam voluntariamente, porém o resto da população se isola porque não tem outro jeito, pagando o preço da fragilização dos seus aspectos cultural, psicológico e político. Com efeito, esses fatores só propiciam desordens sociais e violência, como é o caso dos motins internos, do enfrentamento com a polícia, da agressividade de torcidas de futebol etc., surgindo até mesmo a instalação de guetos na tentativa dos “excluídos” também terem suas regras de jogo territorial, como se pode averiguar no trecho que se segue:

As fortificações construídas pela elite e a autodefesa através da agressão praticada por aqueles deixados de fora das muralhas têm um efeito mutuamente reforçante previsto com clareza pela teoria das “cadeias cismogenéticas” de Gregory Bateson [...], a diferença entre os padrões é aquela entre a dignidade e a humilhação, a condição humana e sua perda. [...] Se a nova extraterritorialidade da elite parece uma liberdade intoxicante, a territorialidade do resto parece cada vez menos com uma base doméstica e cada vez mais com uma prisão – tanto mais humilhante pela intrometida visão da liberdade de movimento dos outros (BAUMAN, 1999, p. 29-30).

Uma das conseqüências deste fenômeno, quanto aos aspectos relativos ao consumo em termos do efêmero nas relações sociais, é que os bens, serviços e sinais devem seduzir os possíveis consumidores, abrindo constante e rapidamente espaços para outros objetos de desejo, e desvalorizando os que “perderam o brilho”. Assim sendo, de acordo com Bauman a pobreza não pode ser curada, já que não é um sintoma da doença do capitalismo, sendo ela a evidência da sua saúde e robustez, do seu ímpeto para uma acumulação e esforço sempre maiores, pois mesmo os mais ricos do mundo se queixam sempre do que ainda não possuem.



Por fim, pode-se apreender que há o hábito do esquecimento na cultura da sociedade de consumo, já que a espera é retirada do querer, bem como o querer da espera a fim de que a capacidade de consumo possa ser ampliada para além das necessidades humanas. Desse modo, “o desejo deseja o desejo”, vislumbrando que essa pressão internalizada revela-se para esses consumidores sob o disfarce de um livre exercício da vontade, levando-os a crer que “estão no comando”, são os juízes, os críticos e os que escolhem, mas que, na verdade, não se deram conta efetivamente de que também se tornam vítimas.

Considerações finais

Em relação ao primeiro tópico, a princípio verificou-se que a questão do encurtamento do tempo/espço levou a uma mudança de estrutura institucional estável e durável para uma condição altamente flexível e móvel, fenômeno este que acarretou uma efemeridade das relações sociais, um esvaziamento de significados e/ou um empecilho na criação de novos sentidos. Isso fez com que a narrativa de vida perdesse a razão de ser, haja vista a dinâmica consumista acelerada do capitalismo atual. Assim, foi percebido que essa conseqüência da globalização afeta os variados estratos sociais, pois desencadeou também o desaparecimento do espaço público, prejudicando a sociedade no sentido do desenvolvimento mais consciente da realidade social e das formas de sua manipulação. Nesse contexto, saliente-se que a “jaula de ferro” weberiana permanece nos dias atuais, embora que com objetivos lucrativos diversos: antes era necessária a vigilância com a intenção de garantir a produtividade, agora esse controle tornou-se sutil em virtude da atração que o consumo exerce e do “fisgar” do consumidor pelos meios de comunicação, em especial pelo informacionalismo.

Quanto ao segundo tópico, foi assinalado que está em cartaz na atualidade um novo processo civilizatório no qual há o interesse das elites dominantes de manter uma concepção de homogeneidade e de linearidade das hierarquias, sendo usadas várias estratégias para garantir essa ideologia, disfarçando assim, a existência de uma escala de poder. Por conseguinte, é notório que o conhecimento sociocultural é “sempre contado pelos vencedores”, por quem está “por cima”.



Na última temática trabalhada por este artigo, foi reafirmado e sublinhado que a alienação ocorre tanto para quem está do lado do “localismo” como para quem está no “globalismo”, bem como a capacidade de produzir e negociar sentidos; entretanto, os “locais” são mais prejudicados porque há o acréscimo de serem excluídos dos “prazeres” globalizantes, mas que, por outro lado, sentem-se cada vez mais “inferiores”, como também ávidos pelos benefícios não conseguidos de forma mais “natural”, fato este que os leva a praticar todos os tipos de mazelas sociais da atualidade conhecidas por todos. No caso dos “globais”, apesar de possuírem essa faculdade, são dependentes de ações que “fogem ao controle”, embora tenham a ilusão de que “estão no comando”, tendo em vista que fazem os mais variados tipos de escolhas.

Enfim, consideramos como um enfoque importantíssimo de sublinhar neste artigo, é a realidade de que, nesse contexto, o indivíduo adquiriu o hábito do esquecimento no sentido de que “o desejo deseja o desejo”; ou seja, as pessoas desejam muito além de suas necessidades naturais e humanas, de uma maneira tal que essa ansiedade consumista desencadeia todos os efeitos sociais nefastos da atualidade. Assim, os que apenas “assistem” a posse de bens materiais cada vez mais descartáveis, revoltam-se; e os que usufruem destes, excluem ainda mais aqueles por medo, insegurança e rejeição aos “inferiores”.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 4.ed. v.1 São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COHEN, Ira. A Teoria da Estruturação e Práxis Social. In: GIDDENS, Anthony & TURNER, Jonathan. **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Unesp, 1999.

IANNI, Otávio. **A Era do Globalismo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens da nossa época. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

SANTOS, Boaventura. Os processos de globalização. In: **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.



SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Notas

¹ Fonoaudióloga com especialização em fonoaudiologia clínica; especialista em Saúde Mental pela FIOCRUZ/Universidade Estadual da Paraíba; especialista em Saúde Coletiva pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFfa); mestre em sociologia pela Universidade Federal da Paraíba e doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande-PB. Possui experiência na área da Saúde Mental, atuando em CAPS infantil e na Coordenação de CAPS adulto. Atua também na área da Saúde Pública na Secretaria Municipal de Campina Grande-PB. e-mail: ldgleit@bol.com.br